

Cerimónias Religiosas

Corpo de Deus – no Porto

Esta era a festividade mais importante e a que mobilizava a maior parte dos dinheiros gastos com cerimónias religiosas.

À festa do “Corpus Christi” estavam associadas diversas representações e jogos, que não deviam variar muito de ano para ano, visto serem organizados pelas mesmas pessoas.

Outra constante nesta festa eram as corridas de touros que, normalmente, tinham lugar na Rua Nova, num corro improvisado para o efeito com caniços e caibros.

Esta festa era realizada anualmente na primeira quinta-feira após a oitava do Pentecostes, era a mais importante e esplendorosa das cerimónias religiosas.

Toda a população do Porto era mobilizada para a festa. Esta era uma oportunidade única para a exibição de poderes e afirmação de hierarquias.

Na procissão seguiam figuras escultóricas de alguns santos, representações vivas de outros, entre os quais se destacam Santa Maria, Santa Catarina e Santa Clara e, no centro de tudo, a charola com o Santíssimo Sacramento.

Manifestações religiosas e profanas confundiam-se nos festejos do Corpus Christi. Existia uma simbiose entre a festa cristã e a festa pagã, realçando-se a presença de inúmeros símbolos não cristãos tais como os touros, os cereais, as frutas e os legumes, plenamente integrados na procissão solene, e interpretando-os como uma alusão à abundância e à fertilidade da estação primaveril.

Esta era também uma festa de aromas, sons e cores, para não falar dos sabores das iguarias comidas ao longo de todo o dia. Das ruas apertadas de juncos, espadanas e canas verdes que iam sendo esmagadas pelos transeuntes, libertavam-se cheiros que se misturavam com o incenso espalhado à passagem da charola com o Santíssimo Sacramento. A vaidade e o colorido dos trajes usados nas representações e pela população em geral animavam o desfile já abrilhantado pelas ornamentações das ruas e varandas, onde muitas senhoras assistiam ao passar da procissão, e pela multiplicidade de sons provenientes de diversos instrumentos musicais, de coros de cantores e da algazarra de toda uma população em festa.

A charola de madeira com o Santíssimo Sacramento era transportada por doze clérigos da Sé, que se iam revezando por ela ser muito pesada. À frente do Corpo do Senhor iam doze cidadãos carregando igual número de tochas de cera pintada e lavrada, que simbolizavam os doze apóstolos e a difusão da fé que o Pentecostes havia possibilitado.

Os espetáculos taurinos estavam presentes em grande parte das festas da época, fossem elas religiosas ou não.

As mais importantes e dispendiosas de todas as representações eram as de Santa Maria, Santa Catarina e Santa Clara, com as respectivas aias. Era necessário escolher algumas das mais belas moças da cidade e adorná-las com luxuosos vestidos de seda fina e jóias, o que implicava gastos elevados e preocupações acrescidas para os progenitores das escolhidas, que frequentemente eram assediadas, necessitando de proteção de alguns mercadores que as acompanhavam.

Nestas condições não era fácil encontrar portuenses que aceitassem os encargos de um destas representações. Muitos, perante a hipótese de serem obrigados a assumir tarefa tão onerosa, preferiam abandonar, temporariamente a cidade.

Festa do *Corpo de Deus*, no Porto (Joaquim Serrão, *in* História de Portugal, 1988)

Esta era a festividade mais importante e a que mobilizava a maior parte dos dinheiros gastos com cerimónias religiosas.

À festa do “Corpus Christi” estavam associadas diversas representações e jogos, que não deviam variar muito de ano para ano, visto serem organizados pelas mesmas pessoas.

Outra constante nesta festa eram as corridas de touros que, normalmente, tinham lugar na Rua Nova, num corro improvisado para o efeito com caniços e caibros.

Esta festa era realizada anualmente na primeira quinta-feira após a oitava do Pentecostes, era a mais importante e esplendorosa das cerimónias religiosas.

Toda a população do Porto era mobilizada para a festa. Esta era uma oportunidade única para a exibição de poderes e afirmação de hierarquias.

Na procissão seguiam figuras escultóricas de alguns santos, representações vivas de outros, entre os quais se destacam Santa Maria, Santa Catarina e Santa Clara e, no centro de tudo, a charola com o Santíssimo Sacramento.

Manifestações religiosas e profanas confundiam-se nos festejos do Corpus Christi. Existia uma simbiose entre a festa cristã e a festa pagã, realçando-se a presença de inúmeros símbolos não cristãos tais como os touros, os cereais, as frutas e os legumes, plenamente integrados na procissão solene, e interpretando-os como uma alusão à abundância e à fertilidade da estação primaveril.

Esta era também uma festa de aromas, sons e cores, para não falar dos sabores das iguarias comidas ao longo de todo o dia. Das ruas apertadas de juncos, espadanas e canas verdes que iam sendo esmagadas pelos transeuntes, libertavam-se cheiros que se misturavam com o incenso espalhado à passagem da charola com o Santíssimo Sacramento. A vaidade e o colorido dos trajes usados nas representações e pela população em geral animavam o desfile já abrilhantado pelas ornamentações das ruas e varandas, onde muitas senhoras assistiam ao passar da procissão, e pela multiplicidade de sons provenientes de diversos instrumentos musicais, de coros de cantores e da algazarra de toda uma população em festa.

A charola de madeira com o Santíssimo Sacramento era transportada por doze clérigos da Sé, que se iam revezando por ela ser muito pesada. À frente do Corpo do Senhor iam doze cidadãos carregando igual número de tochas de cera pintada e lavrada, que

simbolizavam os doze apóstolos e a difusão da fé que o Pentecostes havia possibilitado.

Os espetáculos taurinos estavam presentes em grande parte das festas da época, fossem elas religiosas ou não.

As mais importantes e dispendiosas de todas as representações eram as de Santa Maria, Santa Catarina e Santa Clara, com as respectivas aias. Era necessário escolher algumas das mais belas moças da cidade e adorná-las com luxuosos vestidos de seda fina e jóias, o que implicava gastos elevados e preocupações acrescidas para os progenitores das escolhidas, que frequentemente eram assediadas, necessitando de proteção de alguns mercadores que as acompanhavam.

Nestas condições não era fácil encontrar portuenses que aceitassem os encargos de um destas representações. Muitos, perante a hipótese de serem obrigados a assumir tarefa tão onerosa, preferiam abandonar, temporariamente a cidade.